

Testemunha ocular de Nuremberg ao Xingu

Jesco Von Puttkamer, um brasileiro nas mãos da Gestapo, não perde a trilha da história, aos 71 anos

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial não se deu apenas no campo de batalha. Por trás das câmeras, um brasileiro descendente da nobreza alemã, também ajudou a contar a história do famoso Julgamento de Nuremberg, no final de 1945, em que o governo militar instaurado pelos americanos e aliados julgou os criminosos de guerra nazistas. Apesar de brasileiro, nascido em Niterói (RJ), Jesco Von Puttkamer foi convocado pela Gestapo para servir como soldado, se recusou, acabou preso e condenado à morte. A intervenção da Embaixada da Suécia no caso não reservou a mesma sorte ao seu irmão mais novo, Olavo Puttkamer, de escapar do fuzilamento e ajudar a resgatar a história. Fotógrafo oficial em Nuremberg e com press pass fornecido pelo governo militar, Puttkamer trabalhou e se tornou amigo dos correspondentes brasileiros Samuel Wainer e Sílvia Bitencourt, a Majoy, do Correio da Manhã, e Érica Mann, correspondente americana, filha do escritor Thomas Mann.

Aos 71 anos, apaixonado pela causa indígena, tendo formado o maior acervo do mundo sobre os índios da Amazônia, o antropólogo visual Jesco Puttkamer, premiado recentemente com o Candango de Ouro de melhor fotografia no Festival de Cinema de Brasília, pelas imagens da primeira parte de *Amerindia*, recebeu o CORREIO BRAZILIENSE para uma longa entrevista, em que contou detalhes de sua fuga dos nazistas, a convivência com Samuel Wainer, as expedições que ainda realiza à Amazônia — mesmo com uma perna amputada por problemas diabéticos —, da descoberta de plantas anticoagulantes, que estão sendo estudadas pelos laboratórios Merck e Hoescht, e a instalação da Fundação Barão Puttkamer, em sua própria residência, em Goiânia, pela Universidade Católica de Goiás.

A guerra — Descendente da alta linhagem alemã, aparentada com Bismarck e Richthofen o legendário "Barão Vermelho", herói da Primeira Guerra que atirava bombas nos aviões ingleses com a mão, a família de Jesco Puttkamer se encontrava em Erlangen, perto de Nuremberg, brigando por uma herança avaliada em mais de dez milhões de dólares — que incluía até castelos —, quando estourou a guerra. Como a nacionalidade alemã é determinada pela co-sanguinidade, os filhos do barão foram convocados pela Gestapo. Antinazistas, se recusaram, foram presos e condenados à morte por fuzilamento. A mãe, Karin Maria, pediu a intervenção da Embaixada da Suécia, conseguiu livrar Jesco do fuzilamento, mas não da prisão, onde permaneceu por dois anos e meio. Do irmão Olavo, nunca se soube nem notícia. O próprio Samuel Wainer chegou a acreditar sobre o caso, em seu jornal *Diretrizes*, numa reportagem intitulada "Dois Brasileiros Contra a Gestapo".

A fuga impetrada por Jesco dos nazistas constituiu-se num desses lances espetaculares de filmes de ação. Estava trabalhando forçado na abertura de trincheiras nazistas, já sob os rumores da invasão

dos aliados na Bavária, quando foi atropelado por um caminhão e hospitalizado. Vigiado diuturnamente pelos homens da Gestapo, Jesco Puttkamer conquistou a simpatia dos médicos que protelavam a sua alta. Um dia decidiu fugir e saiu de muletas pela floresta. Depois de cumprir um percurso de mais de seis quilômetros bateu de frente com os tanques do exército americano e aliados.

Os Puttkamer decidiram permanecer em Erlangen até que Olavo aparecesse. Enquanto aguardava notícias do paradeiro do irmão, que a essa altura já era averiguado pelo Terceiro Exército e pela UNRA, Jesco fez amizade com o capitão Ritchie do quartel general de 3rd US Army. Como falava fluentemente o inglês e o alemão, trabalhou como intérprete para o exército americano, até que o capitão Ritchie tomou conhecimento de suas habilidades como fotógrafo amador, um hobby cultivado desde o tempo em que cursava as faculdades de Química e Ciências Naturais em Breslau (Alemanha). Daí para fotógrafo oficial do governo militar, com um passe livre que lhe dava acesso a todos os lugares, um caminhão e gasolina à vontade, foi um pulo.

Jornalismo — Durante três meses acompanhou Érica Mann e Betty Knox, sua companheira, no trabalho diário de correspondente de guerra para agências norte-americanas. Neste período, procurou checar a lista dos correspondentes de guerra, na qual encontrou dois brasileiros, de quem se aproximou, Samuel Wainer e Majoy. Jesco servia de intér-

JESCO PUTTKAMER



Puttkamer produziu enorme acervo de fotos de índios da Amazônia

prete e facilitava o trabalho dos brasileiros com seu *press pass*. Logo estabeleceu-se a amizade entre os jornalistas brasileiros e a família Puttkamer. "Majoy era inteligente e os americanos respeitavam-na muito.

A amizade com Wainer veio depois de Majoy. Samuel passava os fins de semana na residência dos Puttkamer, acompanhado por sua primeira mulher, Bluma. Jesco se recorda da habilidade de Samuel Wainer como jornalista, destacando o trabalho que realizava no International Military Tribunal (IMT). "Ele conseguiu das autoridades do IMT que jornalistas entrevistassem os réus nas suas próprias celas", afirma. Essa permissão, contudo, destaca, terminou com o atrito provocado por Wainer com o almirante Doenitz, "Ao entrevistá-lo, Samuel perguntou sobre a veracidade de sua ordem para que os submarinos alemães afundassem navios brasileiros. O almirante negou e disse que poderia ter sido um equívoco", conta.

Depois que a jornalista Érica Mann retornou aos Estados Unidos, Puttkamer deixou de atuar como fotógrafo, tendo ficado por mais de um ano na presidência do Brazilian Committee. Com o apoio do 3rd US Army organizou o primeiro comboio de brasileiros com autorização para voltar ao Brasil, através do consulado em Paris. A família Puttkamer aportou novamente no Brasil, sem um dólar sequer da fabulosa fortuna e sem Olavo.

Cida Almeida
Sucursal de Goiânia



Desde o pós-guerra, Jesco Puttkamer participa de expedições indígenas, pratica a antropologia visual e já descobriu plantas medicinais

Nas selvas, há 50 anos

Ao transferir-se para Goiás no pós-guerra, Jesco Puttkamer atuou como acompanhante de estrangeiros europeus expedições patrocinadas pelo governo do estado ao Araguaia e Alto Xingu, alguns ilustres, como o rei Leopoldo da Bélgica e o príncipe Alberto da Riviera. Conheceu os irmãos Villas-Boas no final da década de 40, apaixonou-se pela questão indígena, "criou" a antropologia visual, e se embrenhou nas selvas, documentando com uma câmera e uma filmadora as tribos antes da chegada maciça do homem branco, e o avassalador processo de aculturação.

Ao longo dos últimos 50 anos, Jesco Puttkamer produziu o maior acervo sobre os índices do Alto Xingu e Amazônia, hoje doado ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), da Universidade Católica. São 400 mil fotos coloridas e em branco e preto, 30 mil metros de filmes e aproximadamente 200 horas de filmagens, além de 100 mil páginas de diários, sobre os costumes e idiomas indígenas.

Por amor à causa indígena, Puttkamer popularizou a antropologia. Os seus trabalhos podem ser vistos numa série de seis jo-

gos de cartões postais. O único livro editado no Brasil sobre a criança indígena é de Jesco Puttkamer, que assina textos e fotos, que receberá uma segunda edição ampliada. Em breve, os ecologistas de plantão poderão se esbaldar com um livro de 200 fotos sobre o índio da Amazônia, escolhidas entre 500 superfotos. Ele é também um assíduo colaborador da National Geographic americana.

Na trilha do pioneirismo e da história, a Universidade Católica de Goiás está preparando um outro livro de Puttkamer, dependendo apenas de verba, desta vez sobre Juscelino Kubitschek. Jesco foi o primeiro fotógrafo da Agência Nacional, acompanhou JK na Operação Bananal, na abertura da BR-29, antecessora da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), a entrada para a Amazônia. Como fotógrafo da AN, Jesco teve o privilégio de formar um arquivo de sete mil fotos sobre a construção de Brasília. "Deste acervo serão escolhidas as 200 melhores para contar a história da construção da capital federal", destaca.

Entre as inúmeras aventuras de Jesco na Amazônia, uma parece conto de carochinha. Ele foi o primeiro a contactar os índios Marubo, na divisa com o Peru, considerados ainda muito hostis. Um seringueiro o levou às proximidades da aldeia e Puttkamer continuou por conta própria. Sem os sinais da diabetes, tinha por hábito chupar bali-

nhas durante seus trajetos. Conseguiu contactar os índios, ficou um tempo na aldeia e só achou o caminho de volta porque de 400 em 400 metros encontrou a trilha dos papéis de balas.

Ciência — A formação acadêmica do antropólogo visual Jesco Puttkamer também poderá contribuir ao avanço da ciência. Em contato com as tribos indígenas, o pesquisador descobriu plantas anticoagulantes utilizadas pelos índios como venenos em pontas de flechas para abater caças de grande porte. Com os Uru-Eu-Wau-Wau, contactados em 1980 juntamente com o sertanista Apoena Meirelles — afilhado de Jesco —, ele ficou conhecendo a Tike-Úba, que provoca hemorragia difícil de ser estancada. A padia é uma outra planta anticoagulante descoberta nessas expedições, que Jesco realiza pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica.

O princípio ativo dessas plantas está sendo pesquisado pelos laboratórios Hoescht e Merck, para futuramente se criar remédios para combater doenças cardiovasculares. Até o momento não se tem resultados positivos, mas novas plantas continuam sendo pesquisadas nas frequentes expedições do IGPA e Jesco Puttkamer. A última aconteceu em maio, em Rondônia e no Mato Grosso.